



O Facebook e Twitter tiveram um papel importante durante as revoluções da Primavera Árabe. Mas Morozov diz que pode haver um lado da medalha ainda por conhecer

PETER MACDIARMID/GETTY IMAGES

A mudança é possível por causa de deficiências nos sistemas, seja na natureza ou na tecnologia. Este perfeccionismo encerra um lado negro.”

Horas antes da conversa com a jornalista, os aplausos às palavras de Morozov na conferência foram gerais e sonoros, mas no meio deles notou-se um certo desconforto. Depois de uma chapada de luva branca pela escritora Margaret Atwood – que lembrou que, graças a esta dependência tecnológica, “hoje nem sequer conseguimos arranjar as nossas torradeiras” – Morozov voltou ao ataque e as palmas que se seguiram, ainda que gerais, já não foram tão efusivas.

Mesmo assim, nos corredores do teatro Stadsschouwburg, já depois das discussões sobre como mudar o mundo ou porque é que precisamos de o mudar, Morozov era um dos conferencistas mais citados em inúmeras conversas paralelas em meia dúzia de línguas (houve vários espanhóis e franceses a rumar à capital holandesa para assistir à conferência). Na banca de livros improvisada num dos andares do edifício, dezenas de pessoas correram a comprar o seu “The Net Delusion: The Dark Side of Internet Freedom”, espécie de bíblia deste ciber-cepticismo que põe a nu a ingenuidade do mundo globalizado em relação às novas tecnologias.

Nele, Morozov diz que “as pessoas assumem de alguma forma que a internet vai ser o catalisador da mudança que levará os jovens às ruas, quando na realidade pode antes vir a ser o novo ópio das massas que vai manter essas mesmas pessoas nos seus quartos a fazer download de pornografia”.

O caso Twitter na Revolução Verde é sintomático das expectativas inflamadas



Da Bielorrússia com cautela

Nascido na Bielorrússia em 1984, Morozov estudou na Universidade Americana da Bulgária. Antes de ir parar aos EUA, onde vive e trabalha hoje, viveu alguns anos em Berlim. Os seus artigos de opinião semanais na revista “Slate” são publicados pelo “El País”, “Corriere della Sera”, “Folha de São Paulo” e outros media. Em Março chega o seu novo livro: “To Save Everything Click Here: The Folly of Technological Utopianism”

em torno da internet, diz Morozov. O email que um diplomata americano enviou à administração Obama para que esta pedisse à rede social que adiasse uma manutenção programada para a altura dos protestos iranianos abriu um “precedente perigoso”. Um com várias consequências, entre as quais o facto de todos os utilizadores do Twitter no Irão passarem a ser vistos por Ahmadinejad como “agentes do Ocidente”, levando muitos a serem presos pelo regime.

Apesar do foco neste caso, no discurso lato de Morozov o maior problema das redes sociais está na sua propriedade. “O que a Google está a fazer em África é sistematizar todos os dados do continente. Eles querem saber onde é que cada empresa local opera e como, querem mapear tudo o que tem a ver [com África] e assim que estiver tudo sistematizado, vão começar a fazer dinheiro a partir daí”, denuncia. “O meu medo é que as infra-estruturas de informação que vão emergir nas economias africanas sejam essencialmente privadas, construídas e operadas pela Google. Se achares que a Google é um actor benevolente que não fará nada de mal com esses dados, não existe nenhum problema. Mas eu não acredito nisso e acho que estes [gigantes cibernéticos] são actores poderosos que devem ser temidos.”

É na questão Google que o bielorrusso introduz a única ressalva que faz ao seu quase alarmismo sobre os perigos da internet. “Acho que nenhuma destas tendências é produto de alguma lógica inerente à tecnologia ou à internet em si mesma. Em larga escala, são produtos da economia política e das várias condições de mercado em que estas plataformas operam.”

Dá a urgência de refrear a onda de otimismo em relação às plataformas ciberneticas e ao suposto poder libertador da internet, diz. A “ciberutopia” que quase levou a web a ser galardoadas com o Nobel da Paz em 2009 (Barack Obama levou a melhor) e que Morozov cita nos seus estudos angaria-lhe, em igual medida, aplausos e ataques. Uma que encerra hipotéticos problemas a longo prazo pela exultação que a geração Y faz da internet, bem maior do que o júbilo em torno de outras tecnologias por gerações anteriores. “Se olharmos para a história da humanidade”, diz-nos antes de rumar ao hotel, “vemos que a nossa evolução tem sido mediada pela tecnologia. Tivemos a idade do telégrafo, do plástico, das bombas nucleares... Nesse sentido não estamos a viver uma era excepcional. Mas esta ideia não deve ser levada demasiado longe. Tendemos a romantizar o que já alcançámos tecnologicamente e, neste momento, isso pode vir a cegar-nos.”